

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

**CÁSSIA MAIELE WEBER**

**IDENTIDADE(S) DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NAS AMARRAS  
ESCOLARES**

**São Leopoldo  
2015**

Cássia Maiele Weber

**IDENTIDADE(S) DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NAS AMARRAS  
ESCOLARES**

Artigo apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de Especialista  
em Educação Matemática, pelo Curso de  
Especialização em Educação Matemática  
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos  
– UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Josaine de Moura Pinheiro

São Leopoldo  
2015

## IDENTIDADE(S) DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA NAS AMARRAS ESCOLARES

Cássia Maiele Weber<sup>1</sup>

Josaine de Moura Pinheiro<sup>2</sup>

### RESUMO

O artigo tem por objetivo mapear identidade(s) do professor de Matemática, constituídas nas redes discursivas dos sujeitos escolares contemporâneos. Assim, discursos produzidos por sujeitos escolares (coordenação pedagógica, professores de Matemática, professores de outras áreas do conhecimento e alunos de Ensino Fundamental e Médio) de um colégio da rede privada, da cidade de Novo Hamburgo, foram analisados por meio de questionários. As análises foram amparadas pelos conceitos de identidade e discurso, numa perspectiva pós-metafísica, advindas, respectivamente, de Bauman e de Foucault. Na análise de discurso, observou-se que a recorrência discursiva nos relatos dos sujeitos da pesquisa convergiram para um professor de Matemática que possui identidades diferentes, dependendo das redes discursivas que as produzem, mas elas possuem aproximações, tais como: sujeito responsável, ético, interessado em aprender e empático, que domina os conteúdos, comprometido, que instiga a construção do conhecimento, criativo, motivado, que dá bons exemplos, coerente, educado, observador, que propõe atividades diversificadas, exigente, paciente, organizado, dedicado, que ama o que faz, “explica bem” a matéria, tira as dúvidas dos alunos, corrige os exercícios e é justo. A partir das características apresentadas em cada rede discursiva, criou-se categorias que identificam o professor de Matemática como um sujeito múltiplo, inventivo, poderoso e milagroso, apontando para um professor de Matemática que possui como ideal o sujeito perfeito.

**Palavras-chave:** Identidade. Discurso. Professor. Matemática.

---

<sup>1</sup> Pós-graduanda do Curso de Especialização em Educação Matemática da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Graduada (2013) e Licenciada em Matemática pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professora de Matemática de turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio do Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo.

<sup>2</sup> Doutora (2014) pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mestre em Matemática Aplicada (1998) pelo programa de Pós-Graduação de Matemática Aplicada e Computacional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Graduada (1995) em Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Santa Maria. Atua como professora de matemática no Colégio Militar de Porto Alegre. É docente na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

## IDENTITY(S) OF MATH TEACHER IN SCHOOL LENYARDS

Cássia Maiele Weber<sup>3</sup>

Josaine de Moura Pinheiro<sup>4</sup>

### ABSTRACT

The paper aims to identify teacher identity(s) of Mathematics, constituted in discursive networks of contemporary school subjects. I analyze discourses produced by school staff (teaching coordinators, math teachers, teachers from other areas of knowledge and students from elementary and high school levels) of a private school, in the city of Novo Hamburgo, through questionnaires. Analytical tools used are: Identity and speech, in a post-metaphysical perspective, resulting respectively Bauman and Foucault. The discourse analysis and discursive recurrence observed in reports of the people of the research, pointed out that the math teacher has different identities depending on the discursive networks that produce them, but they converge on a responsible, ethical, interested in learning, empathic, dominating the content, committed fellowman, that instigates the construction of knowledge, creative, motivated, good example, consistent, polite, observer, proposing diverse, demanding, patient, organized activities, dedicated, love what you do, "explains well" the subject, takes questions from students, corrects the exercises, fair. From the characteristics presented in each discursive network, was created categories that identify the mathematics teacher as a multiple subject, inventive, powerful and miraculous, pointing to a teacher of mathematics that is a perfect and ideal professional.

**Keywords: Identity. Speech. Teacher. Mathematics.**

---

<sup>3</sup> Postgraduate Student of the Specialization Course in Mathematics Education Universidade do Vale do Rio dos Sinos. A graduate (2013) in a degree in Mathematics from Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Mathematics teacher from elementary school classes and high school College Santa Catarina, in Novo Hamburgo.

<sup>4</sup> PhD (2014) at the Graduate Program in Education at the Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Master in Applied Mathematics (1998) by the Graduate Applied and Computational Mathematics, Federal University of Rio Grande do Sul program and graduated (1995) Degree in Mathematics from the Federal University of Santa Maria. Acts as a mathematics teacher at the Military College of Porto Alegre and professor at the Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

## 1 INÍCIO DE CONVERSA

As pessoas em busca de identidade se veem invariavelmente diante da tarefa intimidadora de “alcançar o impossível”: essa expressão genérica implica, como se sabe, tarefas que não podem ser realizadas no “tempo real”, mas que serão presumivelmente realizadas na plenitude do tempo – na infinitude (...). (BAUMAN, 2005, p. 16).

Ao pensar em identidade, em pertencimento, é relevante relembrar de toda a minha trajetória, o movimento que me fez chegar até aqui e que vem construindo as minhas identidades pessoais e profissionais.

Ao rememorar minha infância, vejo-me muitas vezes sentada em algum cômodo da minha casa, escrevendo no meu pequeno quadro verde, presente de meus pais, com as mãos e roupas empoeiradas de giz. Em minha volta, várias bonecas e ursos assumiam o papel de “meus alunos”. Às vezes, essas bonecas ganhavam vida, sendo supridas por “alunos de verdade”: minhas primas mais novas, minhas colegas de aula, meu irmão, etc. Ali, fiz meus primeiros ensaios do “ser professora”, reproduzindo, muitas vezes, as experiências que vivenciava enquanto discente. Quando alguém me perguntava, de praxe, “O que você vai ser quando crescer?”, a resposta era certa: “Vou ser professora”.

Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais, que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espetáculo que posso. Assim me construo a ouro e sedas, em salas supostas, palco falso, cenário antigo, sonho criado entre jogos de luzes brandas e músicas invisíveis. (PESSOA, 1989, p. 232).

Meu sonho, meu palco e meu cenário eram cada vez mais reais e, no âmbito familiar, me presenteavam frequentemente com lembranças relacionadas à docência: quadro verde, giz, apagador, livros, etc. Essa foi a “brincadeira” que marcou com mais ênfase a minha infância. Esse desejo de ser professora, desde muito cedo, foi sendo construído em mim, nas várias redes discursivas nas quais transitava.

(...) o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam

sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. (FOUCAULT, 1986, p. 56).

Discurso, advindo dos escritos de Michel Foucault, é uma ferramenta que produz aquilo do que trata, é prática, pois também age, construindo ou modificando as coisas. Dessa forma, as redes discursivas, que não são somente os enunciados, mas tudo – pois tudo é discurso – foram me construindo professora de Matemática ao longo das minhas vivências.

Meu desejo de ser professora ia se construindo com o passar do tempo e minhas escolhas foram se direcionando cada vez mais para a licenciatura. Anos depois, quando questionada sobre minha profissão, eu dizia: “Vou ser professora de Matemática”.

Durante muitos momentos de minha trajetória profissional questionava-me sobre minha “identidade”, minha função, o meu papel social e quanto ao que os sujeitos escolares aspiravam de mim.

A partir da minha experiência, vivenciei práticas escolares e não escolares, as quais apontavam que o professor de Matemática pode assumir várias identidades, a partir dos discursos que são produzidos por todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e no processo de aprendizagem. Esses discursos me fazem repensar a nossa função na sociedade atual, quanto ao que esperam de nós, o que pensam a nosso respeito e de que forma esses discursos nos acorrentam, não permitindo que sejamos diferentes.

Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade” não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa. (BAUMAN, 2005, p. 18).

Remontar as linhas de saber/poder que engendram o professor de Matemática em meio à docência, constituídas nas redes discursivas dos sujeitos escolares contemporâneos, é o meu objetivo de pesquisa, ao qual me dediquei ao longo desse artigo. Busquei, nos escritos de Foucault e de Bauman, ferramentas teóricas identidade e discurso, as quais utilizei nas análises que realizei dos

discursos que circulam entre alunos, pais e comunidade escolar, sobre o professor de matemática.

Analisei documentos<sup>5</sup> que traziam o tema escolhido em minha pesquisa, associando-os com as respostas coletadas pelas entrevistas feitas através de questionários, com sujeitos escolares (alunos, professores de matemática, professores de outras áreas do conhecimento e coordenação da escola), de um colégio de rede privada na cidade de Novo Hamburgo. Entendendo que esse instrumento é

[...] um jogo interlocutivo em que um/a entrevistador/a “quer saber algo”, propondo ao/à entrevistado/a uma espécie de exercício de lacunas a serem preenchidas... Para esse preenchimento, os/as entrevistados/as saberão ou tentarão se reinventar como personagens, mas não personagens sem autor, e sim, personagens cujo autor coletivo sejam as experiências culturais, cotidianas, os discursos que os atravessaram e ressoam em suas vozes. (SILVEIRA, 2002, p. 139).

Com as respostas dos questionários, utilizei como metodologia de pesquisa a análise do discurso, mapeando características recorrentes nos discursos dos entrevistados que produziram identidades esperadas do professor de Matemática atualmente, sem fazer quaisquer juízos de valor sobre elas.

Nossa história são muitas histórias. Em primeiro lugar, porque, muitas vezes, não a contamos para nós mesmos, mas a contamos a outros. E a construímos, então, levando em conta o destinatário. Procurando provocar uma interpretação (sua interpretação) e procurando controlá-la. E aqui se abrem muitas diferenças, múltiplos espaços de sentido. Em primeiro lugar, porque nossas histórias são distintas conforme a quem as contamos. (LARROSA apud COSTA, 2002, p.134).

Ao serem questionados, os sujeitos da pesquisa manifestaram ideias que lhes eram coerentes para o momento atual, mas que podem, assim como as minhas “verdades<sup>6</sup>”, se modificarem com o passar do tempo.

## **2 MAPEANDO ESTUDOS SOBRE O TEMA**

Inicialmente, descreverei a metodologia utilizada nesta pesquisa e os caminhos que percorri para construir a análise, ou seja, os instrumentos utilizados e

---

<sup>5</sup> Entende-se por documento toda a produção feita a partir dessa pesquisa: os questionários e desenhos, além do referencial teórico pesquisado.

<sup>6</sup> Para Foucault, “não existe verdade universal, mas jogos de verdade” nos quais o saber é um instrumento de poder produtor de discursos que passam a ser considerados ‘verdadeiros’ e norteiam as ações dos indivíduos e grupos de indivíduos. A verdade é o que dizemos que é verdadeiro.

como eles entraram em funcionamento no estudo. Posteriormente, listarei alguns trabalhos já realizados e que têm relação ao tema da pesquisa.

## 2.1 Metodologia de pesquisa

[...] a análise dos textos não é realizada na forma de hermenêutica, não tem por objetivo extrair do interior dos enunciados os sentidos verdadeiros, mas mudar o modo de olhar, jogar luz naquilo que estava na sombra. A análise que realizo toma os discursos na sua exterioridade, naquilo que Foucault chama de leitura monumental. (SARAIVA *apud* PINHEIRO, 2014, p. 41)

Com o objetivo de “jogar luz naquilo que estava na sombra”, realizo esse estudo. Minha análise está balizada pela forma de encarar o “fazer pesquisa” na perspectiva pós-metafísica. Esse novo modo de ler o mundo fez várias rupturas no que eu considerava como verdades definitivas. Ao ler os escritos de Bauman e Foucault, problematizei situações que antes não tinham sido colocadas em uma posição que merecesse um olhar mais atento, mas muitas dessas estavam na sombra e naturalizadas na instituição escola.

A pesquisa foi realizada tendo como metodologia a análise do discurso, na qual analisei discursos produzidos por sujeitos escolares de um colégio de rede privada, da cidade de Novo Hamburgo, no estado do Rio Grande do Sul.

Questionários<sup>7</sup> foram os recursos utilizados na pesquisa e entregues à quatro professores de Matemática, quatro professores de outras áreas do conhecimento (uma professora de Língua Portuguesa, um professor de Ciências, uma professora de Artes e uma professora de Ensino Religioso e de Séries Iniciais), sete profissionais da coordenação pedagógica que atuam em vários segmentos (supervisão escolar, psicopedagogia, psicologia e coordenação geral) e quarenta e seis alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ao final, a pesquisa contou com a análise de cinquenta e seis questionários, visto que os outros sujeitos da pesquisa não retornaram.

Em uma busca realizada no Portal de Periódicos da Capes, foram encontrados poucos<sup>8</sup> trabalhos relativos a essa temática, sendo a incidência de

---

<sup>7</sup> Encontra-se no Apêndice A. Todos os questionários foram iguais para todos os grupos pesquisados.

<sup>8</sup> Ao buscar por “Identidade do professor de Matemática”, no Portal de Periódicos da Capes, foram localizados 160 trabalhos, mas muitos deles, que ao longo do corpo da pesquisa apenas citavam essas palavras-chave de forma fragmentada, não relacionavam o assunto com essa temática. Ao ler os títulos, foram poucos os que realmente tinham relação com o assunto proposto.



estudos em nível de Mestrado e Doutorado pouco significativa. Dentre os trabalhos, destaco o de Silva (2004), de Beranger (2007) e de Zanini (2006).

Zanini (2006) trabalha com o foco na escola em conflito e na identidade profissional docente, a partir da compreensão e incorporação da escola organizada em ciclos por parte dos professores de Matemática. Sua pesquisa de campo ocorreu em dez escolas públicas do Interior de São Paulo, através de questionários e entrevistas com professores de Matemática.

Beranger (2007) contribui na identificação e compreensão de alguns comportamentos, conhecimentos, atitudes e valores que constituem o “ser professor de Matemática” e como sua identidade profissional é composta e moldada por vários componentes da natureza, abordando referências teóricas de Freire, Sacristán, Apple e Thompson. Essa pesquisa foi realizada com 27 professores, por meio da aplicação de questionários organizados em três blocos: traçando o perfil do professor, percepções sobre o papel do professor na sociedade, concordâncias e discordâncias dos professores em relação às afirmativas apresentadas a eles.

Por fim, Silva (2004) coloca em discussão a identidade cultural do professor de Matemática. Sua metodologia de pesquisa se baseia na entrevista com 10 professores de Matemática da rede de ensino público de Rio Claro- SP, sendo dois professores em cada década, no período compreendido entre os anos 1950 e 2000. A partir dessas entrevistas, a autora elaborou quatro tendências históricas, mostrando a fragmentação da identidade do professor de Matemática ao longo do tempo.

A pesquisa que realizei se distancia de todos os trabalhos aqui apresentados, pois possui perspectiva teórica diferente e traça identidades do professor de Matemática a partir de vários olhares dos sujeitos escolares e não apenas do “sujeito professor de Matemática”.

### **3 FERRAMENTAS ANALÍTICAS: IDENTIDADE E DISCURSO**

Muitas foram as vezes que, em meio a tantos questionamentos que permeiam a minha existência, pensei: “Quem sou eu?” e “Como os outros me veem?”.

As “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas a nossa volta, e é preciso estar em alerta constantemente para defender as primeiras em relação às últimas. (BAUMAN, 2005, p. 19).

Em discursos produzidos por alunos, coordenação pedagógica da escola, professores da área da Matemática e professores de outras áreas, busquei identidades produzidas nessas, e por essas, diferentes redes discursivas.

A identidade pode mudar, a partir de nossas escolhas, das práticas e do pensar. No ambiente escolar, essa problemática se faz ainda mais frequente, visto que há diversidade de sujeitos, cada um com uma expectativa diferente sobre o professor de Matemática.

Poucos de nós, se é que alguém, são capazes de evitar a passagem por mais de uma “comunidade de ideias e princípios”, sejam genuínas ou supostas, bem-integradas ou efêmeras, de modo que a maioria tem problemas em resolver [...] a questão da consistência e continuidade da nossa identidade com o passar do tempo. (BAUMAN, 2005, P. 19).

Discursos produzidos por sujeitos a nosso respeito também nos produzem, constituindo uma de nossas identidades. Discursos são determinantes na produção dos sujeitos, levando-os a assumir diferentes identidades ao mesmo tempo.

Num dos polos da hierarquia global emergente estão aqueles que constituem e desarticulam as suas identidades mais ou menos à própria vontade, escolhendo-as no leque de ofertas extraordinariamente amplo, de abrangência planetária. No outro polo se abarrotam aqueles que tiveram negado o acesso à escolha da identidade, que não têm direito de manifestar as suas preferências e que no final se veem oprimidos por identidades aplicadas e impostas por outros – identidades de que eles próprios se ressentem, mas não têm permissão de abandonar nem das quais conseguem se livrar. Identidades que estereotipam, humilham, desumanizam, estigmatizam... A maioria de nós paira desconfortavelmente entre esses dois polos, sem jamais ter certeza do tempo de duração de nossa liberdade de escolher o que desejamos e rejeitar o que nos desagrada. (BAUMAN, 2005, p. 44).

Existem sujeitos construídos pela vontade e necessidade do outro, que se deixam levar pelas exigências dos outros - muitas vezes, da própria sociedade, que estereotipa, julga e decide quem devemos ser, para podermos, aqui, viver.

Nessa direção, em relação a quem pode ser um “bom professor”, há a necessidade de satisfazer uma série de características, de maneira a poder pertencer a essa categoria. O profissional/professor deve agir dentro de certos limites, os quais os acorrentam e definem como o professor deve proceder perante aos acontecimentos em sua trajetória profissional.

Com a globalização, a identidade se torna um assunto acalorado. Todos os marcos divisórios são cancelados, as biografias se tornam quebra-cabeças

de soluções difíceis e mutáveis. Entretanto, o problema não são as peças individuais desse mosaico, mas como elas se encaixam umas nas outras. (BAUMAN, 2005, p. 54).

Quando Bauman (2005) compara a identidade a um quebra-cabeça de soluções mutáveis, ele quer dizer que não temos como auxílio a imagem final que queremos obter, com apenas um encaixe correto, de forma a montar a imagem previamente conhecida. A nossa identidade é um quebra-cabeças incompleto, que não sabemos quantas peças tem e muito menos o resultado dessa montagem.

O discurso faz com que novas peças desse grande quebra-cabeça sejam acrescentadas, construindo ou modificando nossas identidades pessoais e profissionais. Entendo que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar”<sup>9</sup>.

Discursos pedagógicos produzem quem é o “sujeito pedagógico”, a identidade pedagógica. Há uma série de discursos que “ditam” quem é o professor e é inevitável que esses discursos nos constituam enquanto profissionais.

Não existe sujeito pedagógico fora do discurso pedagógico, nem fora dos processos que definem suas posições nos significados. A existência de um sujeito pedagógico não está ligada a vontades ou individualidades autônomas e livremente fundadoras de suas práticas. O sujeito pedagógico está constituído, é formado e regulado no discurso pedagógico, pela ordem, pelas posições e diferenças que esse discurso estabelece. (DÍAZ, apud VEIGA-NETO, 2014, p. 92).

Em consonância com Díaz, a identidade e o discurso estão entrelaçados e o discurso é constituidor da identidade, de forma muito significativa, ditando quem podemos ser, antes mesmo de sermos de fato. A identidade pode ser entendida, assim, como produto dos discursos que cercam nosso ser, como um contorno ou uma forma que assumimos para viver.

Ao nos referirmos ao discurso, não estamos mencionando apenas um conjunto de palavras organizadas, um conjunto de signos que remetem a conteúdos, mas sim que

[...] os discursos formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que eles fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É essa mais que os torna

---

<sup>9</sup> FOUCAULT, apud VEIGA-NETO (2014, p. 90)

irredutíveis à língua e ao ato de fala. (FOUCAULT, apud VEIGA-NETO, 2014, p. 93).

Com esse entendimento, discursos e práticas discursivas constituem a nossa identidade, o nosso mundo, a maneira como enxergamos e compreendemos as coisas a nossa volta e como construímo-nos, além das decisões que tomamos em relação à nossa identidade. Comandam e controlam, inclusive, as nossas formas de pensar, de julgar, agir e perceber o que nos cerca.

#### **4 IDENTIDADES DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA: PRODUZIDAS POR SUJEITOS ESCOLARES**

Apresentarei identidades do professor de Matemática, produzidas pelos sujeitos escolares (alunos, professores de Matemática, professores de outras áreas do conhecimento e coordenação da escola) de uma escola de rede privada, da cidade de Novo Hamburgo.

Como já citado anteriormente, um questionário foi entregue a quatro professores de Matemática, quatro de outras áreas do conhecimento (uma professora de Língua Portuguesa, um professor de Ciências, uma de Artes e uma de Ensino Religioso e Séries Iniciais), sete profissionais da coordenação pedagógica que atuam em vários segmentos (supervisão escolar, psicopedagogia, psicologia e coordenação geral) e quarenta e seis alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio.

O questionário<sup>10</sup> aplicado foi praticamente o mesmo para todos os pesquisados. Foram realizadas pequenas modificações, ajustes necessários para a adequação da pergunta ao sujeito da pesquisa. Por exemplo, o questionamento 5, para os professores de outras áreas do conhecimento e coordenação escolar foi “Como você descreveria, de forma geral, os professores de Matemática que você teve ao longo de sua formação básica e superior (características, qualidades, defeitos, metodologias utilizadas, postura, etc)?”. Para os alunos, a pergunta 5 sofreu alterações: “Se tivesse que descrever o teu professor de matemática hoje, como seria?”. Para os professores de Matemática, essa pergunta foi feita da seguinte maneira: “Como você se descreveria como professor de Matemática

---

<sup>10</sup> Encontra-se no anexo.

(características, qualidades, defeitos, metodologias utilizadas, postura, etc)?”. O mesmo ocorreu com os outros questionamentos feitos, que foram ajustados para cada sujeito, mantendo o objetivo da pergunta feita.

O critério utilizado na escolha dos excertos que serão apresentados se deu através da análise do questionário e identificação dos discursos recorrentes entre os sujeitos de cada grupo, e/ou aspectos que ganharam destaque e se evidenciaram de alguma forma nas respostas dadas por cada sujeito.

#### **4.1 Identidade do professor de Matemática constituída por discursos da coordenação pedagógica da escola**

Participaram dessa pesquisa sete profissionais da coordenação pedagógica do Colégio, sendo essas atuantes em diferentes segmentos: supervisão, orientação, psicologia, psicopedagogia e coordenação geral. Dos sete questionários entregues, apenas quatro retornaram respondidos.

##### Excerto 1

Ser empático com o aluno, se colocar no lugar deste, estar à disposição para auxiliar seu aluno, e assim, ajudar que este alcance autonomia e se desenvolva. Ter clareza do papel a executar como educador, mas também como formador de opiniões. Pois a relação professor x aluno é muito próxima. (Psicóloga).

O excerto 1 foi dado como resposta ao questionamento três e reforça uma das verdades legitimadas no ambiente escolar, na qual o professor precisa estar muito próximo do seu aluno, colocando-se no lugar dele, aproximando-se de sua realidade, vivenciando suas experiências. Urge a necessidade do professor “sair de si” para “vivenciar o outro”, deixar de lado suas experiências para experimentar experiências do outro, tendo assim, possibilidade de entendê-lo. Uma vez que o professor de Matemática tem vários alunos, essa é uma tarefa desafiadora, já que a demanda e a quantidade de “outros” que esperam algo de nós deixar-nos-ia em um solo movediço e desconhecido. Por mais que isso fosse possível, o experimentar é único de cada sujeito e ao nos colocarmos no “lugar do outro” não teremos como saber o que o outro sentiu, e somente o que nós estamos sentindo, que possivelmente será diferente, visto que somos constituídos por redes distintas e como significamos nossas experiências de diferentes maneiras.

##### Excerto 2

Independentemente do nível que leciona, um bom professor deve instigar em seus alunos a busca pela construção do conhecimento, ter formação na área de atuação, buscar pela atualização e aprimoramento constante sendo mediador entre aluno, família e sociedade em que está inserido. Perceber no aluno oportunidade de conhecimento e troca de conhecimento; ser criativo, motivador e

comprometido com o processo de ensino- aprendizagem, instigando nos alunos a percepção de si, do outro e do meio. (Orientadora Educacional 1).

O excerto 2 foi dado como resposta ao primeiro questionamento, no qual o professor é visto como mediador da aprendizagem. Dessa forma, o aluno vai construindo seu conhecimento e o professor vai direcionando sua aprendizagem, sendo esse um intermediário entre o sujeito aluno e o conhecimento. Nessa perspectiva, o professor também é aquele que aprende com seu aluno, pela troca de conhecimentos.

Em seguida, citou-se o termo “ensino-aprendizagem”, o que nos leva a entender que sem o ensino não há aprendizagem e vice-versa, e parece ser contraditório com o que várias linhas pedagógicas reforçam, já que, para elas, o aluno tem que ser um indivíduo autônomo que busca aprender. O professor é um mediador, como citado anteriormente ou, ainda, um facilitador do processo, mas não o único responsável pela aprendizagem, sendo “apenas” um dos sujeitos que compõem a rede de práticas e estratégias que articulam o ensino e a aprendizagem.

#### Excerto 3

Um bom professor é aquele que consegue transmitir seu conteúdo/matéria preocupando-se com a aprendizagem do aluno. Precisa ser criativo, apresentando várias formas de explicar um mesmo conteúdo/matéria. Além disso, deve ser um líder mostrando bons exemplos e agindo com coerência, respeito e mediando as relações em sala de aula, proporcionando assim um bom ambiente de estudo. (Coordenadora pedagógica).

O excerto 3 também refere-se ao questionamento de número um e traz-nos outra perspectiva: o professor como responsável pela transmissão do conteúdo, que deve ser feito de diversas maneiras, buscando atingir a todos os seus alunos, em suas individualidades e, assim, promover a aprendizagem. O professor é tomado como principal responsável pela aprendizagem de seus alunos, dando a entender que se o professor não se esforçar na busca por ferramentas que os auxiliem no processo de ensino, a aprendizagem ficará prejudicada. Ressalto também outra verdade pedagógica, muito presente em nossas escolas e que fica reiterada nesse discurso: a responsabilização do professor no sentido de promover e assegurar um ambiente tranquilo em sala de aula, próprio para a aprendizagem, sendo também responsável pelo aspecto atitudinal dos alunos, não apenas pelo aspecto cognitivo.

#### Excerto 4

O professor, acima de tudo, necessita apresentar-se aos seus alunos, como uma pessoa tranquila, alegre, amiga, acolhedora. O aluno, percebendo que seu professor é uma pessoa "legal", irá se esforçar para realizar tudo que lhe é proposto. (Orientadora educacional 2).

Por fim, no excerto 4 que é referente ao terceiro questionamento feito, evidencia-se outra verdade recorrente em instituições escolares: o bom professor

como um sujeito legal, amigo e parceiro de seus alunos. Esse professor, sendo mais do que professor de seus alunos, conseguirá fazer com que eles tenham mais vontade de aprender e se esforcem na realização daquilo que lhes é proposto na sua disciplina. É relevante saber “o que é ser um professor legal?”, pois para sujeitos diferentes pode haver concepções divergentes.

Além dos excertos descritos, descrevo características recorrentes na pesquisa com esses sujeitos escolares, que ajudam a constituir identidades do professor de Matemática. A partir de seus discursos, o bom professor de Matemática é responsável, carismático, interessado em aprender sempre, domina os conteúdos de sua área, instiga a construção do conhecimento, criativo, motivado e preocupado em dar bons exemplos aos alunos.

A análise dos questionários respondidos pelas profissionais da coordenação escolar demonstrou que muitas características citadas eram recorrentes, como mencionado acima; mas, por vezes, divergentes, quando citam aspectos como a tranquilidade, a preocupação com as atitudes dos alunos, discutidos anteriormente.

#### **4.2 Identidade do professor de Matemática constituída por discursos de profissionais da área**

Quatro professores de Matemática receberam o questionário e três retornaram com respostas. Esses professores atuam tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio.

##### **Excerto 5**

Eu gosto de observar e escutar, o que nem sempre consigo por interferências até mesmo do grupo, quando alguém responde no lugar do aluno chamado, por exemplo. Costumo cumprir o que prometo, e demonstrar segurança no modo de trabalho. Quando estou tentando uma nova forma de trabalho, e percebo que não funciona, informo isso à turma. Creio que eles têm direito de saber que precisamos mudar o rumo daquilo que não está dando certo. Faço trabalhos diversificados, usando desde material concreto, leitura do livro, pesquisas e jogos na internet, jogos... Sem faltar listas de exercícios que, para alguns, são fundamentais como fixação. (Professora de Matemática do Ensino Fundamental).

Essa resposta dada pela professora de Matemática refere-se ao questionamento cinco. Essa professora demonstra sua busca por ferramentas que a auxiliem no processo de ensino, para promover aprendizagem a todos os seus alunos. Além disso, mostra que procura um equilíbrio entre as atividades “diferentes”, como jogos e as mais tradicionais, como lista de exercícios, que para ela parecem igualmente importantes, pois fixam os conceitos trabalhados em sala de aula.

Parece importante avaliar todos os comportamentos do aluno em aula, desde as suas contribuições orais, até seu desenvolvimento em atividades e provas, observando a aprendizagem do aluno em todos os aspectos e de diferentes maneiras, embora isso muitas vezes não seja possível, como ela mesma menciona.

#### Excerto 6

O desafio fica cada dia maior, é preciso dar o máximo de si para ter retorno. O professor está diante de turmas cada vez mais distante do que esperamos: a falta de interesse e a extrema desatenção nas aulas, as conversas excessivas interrompendo as explicações, a grande falta de respeito com o professor e com os colegas. Alguns querem aprender; outros, não só os interrompem com o barulho, como também não estão ali com o mesmo objetivo. Ao término de cada ano eu percebo que a dificuldade no aprendizado está cada vez mais distante do tempo em que a sala de aula era silenciosa e de concentração, onde todos eram respeitosos e o professor era a figura de muitos, como o exemplo a ser seguido. Ser professor de Matemática atualmente é algo que poucos conseguem dar prosseguimento, por ser uma disciplina que exige muita atenção, silêncio e concentração. A realidade é outra e as notas cada vez mais baixas! (Professor de Matemática do Ensino Fundamental).

No excerto 6, resposta dada à pergunta sete do questionário, podemos inferir que o professor sente-se desgostoso, desanimado, desmotivado com a profissão pelos constantes e diários desafios.

Ele compara os alunos que temos hoje, com todos os seus anseios, desejos, estímulos, com os alunos de alguns anos atrás. O professor relata que o aluno muitas vezes não vem para a escola para aprender e não dá o devido valor ao sujeito professor de Matemática. Dessa forma, por mais que o professor ensine e busque por novas maneiras de ensinar, a aprendizagem não acontecerá, pois o aluno é papel principal nesse processo.

O professor afirma que não é da corrente pedagógica da educação que considera que há ensino somente quando há aprendizagem. Na perspectiva desse professor, muitas vezes há ensino e a aprendizagem não acontece, pois os alunos não foram “afetados para pensar”, “não estão dispostos a aprender” e, portanto, o professor não é o único responsável pela aprendizagem de seus alunos.

#### Excerto 7

Um bom professor é aquele que trabalha com os alunos todos os conteúdos necessários na série para que ele consiga prosseguir com os conteúdos posteriores, de forma segura e com certa independência. Para que isso aconteça, os conteúdos devem ter significado, por mais difícil que seja. (Professora de Matemática do Ensino Médio).

A resposta dada por essa professora refere-se ao questionamento um. Essa professora de Matemática, que leciona para Ensino Médio, mostra uma preocupação e um olhar mais à frente, uma vez que manifesta a necessidade do ensino de todos os conteúdos instituídos para a série/ano do aluno, pois ele poderá precisar disso em situações posteriores.



Mesmo com uma preocupação focada nos conteúdos a serem ensinados aos alunos, ela demarcou que devem ter sentido e significado, sendo este o papel do professor. Dessa forma, deve possibilitar uma compreensão por parte do aluno, que poderá necessitar desse conhecimento adiante.

A partir das respostas dos professores de Matemática às perguntas realizadas no questionário, descrevo as características que um bom professor de matemática deve possuir, tais como: observador, que proponha atividades diversificadas, exigente, empático, responsável e objetivo, que trabalhe todos os conteúdos da série.

A análise de seus questionários apontou também um distanciamento dos dois discursos dos professores de Matemática. Um dos professores reforça que “um defeito dos professores é ser facilitador. Mostrar somente aspectos fáceis de cada conteúdo e só pedir o mínimo”. O outro destaca que “um bom professor é aquele profissional que usa dos termos práticos do dia a dia, simplificando as teorias numa linguagem fácil de entender”.

Esses professores trazem para visibilidade um fato discutido regularmente na escola: um bom professor é aquele que facilita os conteúdos para o aluno ou não, sendo aquele que cobra tudo, indiferente da aplicação daquele conteúdo na vida do aluno? Essa problemática é, no contexto escolar, uma questão muito significativa, que acomete a muitos professores de Matemática – para não dizer a todos. Será uma alternativa viável ensinar somente aquilo que tem “aplicação” e que faz parte da realidade do aluno? Ou cobrar tudo, inclusive os conteúdos que não são aplicáveis momentaneamente, mas que talvez futuramente poderão ser úteis aos alunos? Esse tipo de questionamento mereceria um estudo, pois há muitos tencionamentos que se fazem cada vez mais presentes na rotina profissional do professor. Porém, esse não é o foco deste trabalho.

#### **4.3 Identidade do professor de Matemática constituída por discurso de professores de outras áreas do conhecimento**

O “bom professor de matemática” foi analisado também sob o ponto de vista de quatro professores de variadas áreas do conhecimento: um professor de Ciências, uma professora de Língua Portuguesa, uma professora de Artes e uma professora de Ensino Religioso, que leciona também para turmas de anos iniciais do

Ensino Fundamental. Desses quatro sujeitos, três responderam aos questionamentos propostos.

Destaco, aqui, excertos que demonstram características presentes em discursos produzidos por esses profissionais citados acima.

#### Excerto 8

Os professores de Matemática são muito discretos, responsáveis... Porém, a minha experiência estudantil me faz relatar que nunca consegui aproximação com os mesmos. Lembro que meus professores passavam o conteúdo, explicavam, ordenavam exercícios, faziam correções e só... Sempre muito didáticos, pouco inovadores! (Professora de Artes do Ensino Fundamental e Médio).

A professora de Artes, ao responder ao questionamento cinco, destaca a falta de aproximação com os professores de Matemática que teve ao longo de sua formação escolar. Descreve seus professores como profissionais muito discretos, responsáveis, mas muito tradicionais em seu “fazer docente”, criticando o fato de serem pouco inovadores em suas propostas didáticas. Esse mesmo aspecto foi mencionado na análise dos questionários anteriores, nos quais a coordenação da escola e os próprios professores de Matemática, por vezes, mencionaram a importância das aulas serem diferenciadas, buscando atingir a maioria dos alunos.

Essa é uma verdade constituída no ambiente escolar: as aulas devem ser diferenciadas, com diferentes abordagens, buscando atrair os alunos para o que está sendo proposto. Nas aulas de Matemática, muitas vezes, essa crítica parece ainda mais evidente, uma vez que os alunos parecem ter certa resistência ao cálculo, à resolução de exercícios e ao pensar de forma abstrata.

#### Excerto 9

O professor de Matemática é mega importante, afinal, este profissional pode mediar e facilitar o processo de descoberta e de ensino e aprendizagem dessa disciplina que está EM TODAS AS ÁREAS.(Professora de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental e Médio).

O excerto 9, resposta referente ao questionamento sete, mostra a Matemática como uma facilitadora em todas as áreas do conhecimento, reiterando que a “Matemática está em tudo”, um discurso muito presente no contexto escolar.

A professora destaca a importância dessa disciplina no desenvolvimento integral do aluno, que poderá se beneficiar dessa aprendizagem matemática para se desenvolver em outras áreas do conhecimento, nas quais a Matemática também se faz presente, mesmo que de forma indireta.

#### Excerto 10

Sempre tive bons professores de matemática, que explicavam bem, que eram dedicados. Talvez eram os mais “chatos” pois eram muito rígidos. Porém nunca olhei um professor por esse ângulo. Sempre respeitava os professores sento bons ou ruins. Os professores do ensino fundamental

pareciam ser mais rígidos, mais “chatos”. Não explicavam muito bem, para mim não fazia diferença, pois eu tinha facilidade com matemática. (Professor de Ciências do Ensino Fundamental).

O excerto 10, produzido por um professor de Ciências referente ao questionamento cinco, pontua a importância do professor no processo de aprendizagem do aluno. O professor foca no fato de que quando os professores de Matemática não explicaram “tão bem” a matéria em algumas situações de sua vida escolar, não fazia muita diferença para ele, pois tinha facilidade com a disciplina. Essa fala confronta com alguns discursos já discutidos anteriormente, por outros sujeitos da pesquisa, que falavam que o professor é o responsável pela aprendizagem do aluno. Aqui o professor, quando se remete às suas lembranças enquanto aluno, enxerga-se como sujeito principal da sua aprendizagem, responsável por esse processo.

Além disso, nos traz à análise o fato de que, o bom aluno, por sua vez, é aquele que consegue aprender, mesmo que as aulas não sejam diversificadas, com jogos e atividades diferentes, como alguns sujeitos trouxeram à análise nos discursos anteriores.

A partir das respostas, aponto que o bom professor de Matemática, para eles, é aquele que acredita na sua importância, é responsável, instiga seus alunos, fomenta a vontade, a sede pelo conhecimento e pela busca, atualiza-se frequentemente, mostra o exemplo a ser seguido, é criativo e organizado.

Nos questionários dos professores de outras áreas do conhecimento, existe uma aproximação nas respostas dadas. Muitas das características apresentadas por eles eram iguais ou semelhantes.

Além disso, vale destacar que as professoras de Artes e Língua Portuguesa relataram não ter muita apreciação pela Matemática, em função das suas vivências escolares e gostos pessoais. Já o professor de Ciências relatou que tinha apreço e facilidade nessa área do conhecimento, sendo esse um aspecto que variou entre esses sujeitos.

É importante ressaltar que os três professores descreveram os professores de Matemática que tiveram ao longo de sua escolarização como sujeitos “chatos”, que pouco inovaram e seguiam aulas muito tradicionais.

#### **4.4 Identidade do professor de Matemática constituída por discursos de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio**

O professor de Matemática também foi analisado a partir do olhar dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, que tiveram a oportunidade de manifestar seus sentimentos, suas percepções e suas convicções em relação ao bom professor de Matemática, essas baseadas nas suas vivências e experiências enquanto discentes.

Responderam ao questionário quarenta e seis alunos, de diferentes séries e turmas. Alguns deles são meus alunos na disciplina de Matemática, outros têm outro professor nessa disciplina do currículo. Todos eles responderam ao questionário durante o horário de aula, após o término de atividades ou no momento em que o seu professor julgou conveniente. Esses alunos foram escolhidos aleatoriamente, de acordo com as oportunidades que foram surgindo ao longo de minha pesquisa.

#### Excerto 11

Um bom professor é aquele que consegue explicar o conteúdo fazendo com que os alunos gostem e tenham interesse. É aquele que sabe os momentos em que deve ser brabo, mas também sabe que em outros pode dar uma descontraída. Um bom professor fica no seu pé para você dar seu melhor, que procura outras formas de ensinar, fazendo com que o aluno tenha mais facilidade na hora do estudo. (Aluno do Ensino Fundamental).

No excerto 11, o aluno responde ao questionamento um e analisa o bom professor de Matemática como um sujeito que explica bem o conteúdo, sendo rígido quando necessário e proporcionando diferentes formas de aprendizagem, aspecto já considerado em outros discursos neste trabalho analisados.

Esse aluno avalia como bom professor de Matemática aquele que sabe dosar momentos descontraídos e momentos sérios em aula, buscando uma aproximação afetiva com os alunos, de forma que esses gostem de aprender e tenham interesse nas suas aulas. Mas que também saiba cobrar do aluno, para que esse busque dedicar-se ao máximo e obter os melhores resultados de que é capaz.

#### Excerto 12

Acho que a característica que eu mais gosto em um professor é a explicação curta, grossa e direta, pois ficar “enchendo linguiça” é realmente muito entediante. (Aluno do Ensino Fundamental).

O excerto 12, resposta dada ao questionamento três, traz à visibilidade outra verdade produzida no contexto escolar, por alguns sujeitos, ou seja, o professor tem que “ir direto ao ponto” em suas explicações e atividades. Essa perspectiva é contrária a vários outros discursos aqui já apresentados, os quais defendiam que o professor devia encontrar diferentes maneiras e estratégias de promover a aprendizagem, buscando atingir a todos os alunos.

#### Excerto 13

Se o professor vier sempre mal humorado, parecendo que não aguenta mais aquelas crianças, o aluno não vai gostar daquela aula. Mas se o professor trazer atividades diferentes, mostrar que realmente gosta do que faz e sempre que precisarmos ele vai estar ali para ajudar, o aluno não só irá gostar dele, como também começará a apreciar a matéria. (Aluno do Ensino Fundamental).

No excerto 13, resposta dada ao questionamento seis, o aluno associou sua aprendizagem com a motivação do professor em “dar” sua aula, em propor atividades diversificadas aos alunos. Retorna a posição principal: o professor como o responsável pela aprendizagem, o qual pode desmotivar seus alunos caso não esteja humorado, motivado e disposto a propor situações inovadoras em sala de aula. Além disso, o bom professor de Matemática, é aquele que precisa estar sempre disposto a auxiliar os alunos em suas possíveis dificuldades, o que poderá fazer com que o aluno tenha maior apreço pelo professor e pela matéria que ele leciona.

#### Excerto 14

A minha professora de Matemática é um amor, ela explica muito bem, passa exercícios, deixa a gente pensar, tirar nossas próprias conclusões e participar da aula e lê as provas com a gente. Acho essas coisas muito importantes para um professor. A minha professora é carinhosa, mas sabe a hora de parar, sabe a hora que a brincadeira passa dos limites e sabe chamar a atenção quando necessário. Isso é muito importante para os alunos. (Aluna do Ensino Fundamental).

A aluna 14, ao responder o questionamento cinco, caracteriza o bom professor de Matemática como aquele que explica bem os conteúdos, propõe atividades nas quais os alunos possam construir seus conhecimentos e que tenha um vínculo com eles, não somente profissional, mas também de afeto, de carinho.

Ao mesmo tempo em que a aluna menciona o carisma, também aponta que o bom professor de Matemática deve saber corrigir aquilo que não está ocorrendo dentro do esperado na sala de aula, chamando a atenção dos alunos quando necessário e mostrando a importância dos limites em todas as situações, ensinando-lhes além de conteúdos matemáticos, também aspectos importantes para a vida dos alunos.

#### Excerto 15

Um bom professor é aquele que se sente bem ensinando e que consegue transmitir sua espontaneidade ao aluno. É aquele que não exerce soberania e não ensina somente na teoria, mas na prática, e que não somente ensina, como aprende e reconhece o quanto ainda tem a aprender. É necessário que ele goste daquilo que faz, de forma que consiga encontrar um propósito e transmiti-lo ao aluno. O bom professor propor atividades diferenciadas e busca pelo crescimento da criatividade, do intelecto, da razão e da diversidade do aluno em todas as áreas do conhecimento. (Aluno do Ensino Médio).

No excerto 15, o aluno responde ao primeiro questionamento e caracteriza o bom professor de Matemática, como um sujeito que também está em construção e que aprende com seus alunos, numa dinâmica de ensino e aprendizagem mútuos.

Além disso, reconhece como aspecto importante, o fato do professor gostar do que faz, transmitindo essa importância aos alunos. Esse aspecto é muito presente no âmbito escolar, uma vez que ouvimos muitos discursos que dizem que o professor deve ser um “apaixonado” pela sua profissão, e de que ser professor é uma “vocação”, verdades também muito presentes na instituição escolar.

Aposto que, pelos discursos produzidos pelos alunos, o bom professor de Matemática deve ter as seguintes características: explicar bem a matéria, tirar as dúvidas dos alunos, mostrar-se interessado pela sua disciplina e pelos alunos, corrigir os exercícios propostos, propor temas de casa, ajudar os alunos com dificuldades, propor trabalhos diversificados, ser rígido quando necessário e responsável.

Respostas de alunos ao longo do questionário sinalizaram para uma postura crítica e coerente com argumentos consistentes, apresentando aquilo que em suas experiências cotidianas os marcaram.

Vários posicionamentos obtiveram destaque por serem recorrentes nas respostas dos questionários como, por exemplo, o fato do professor explicar bem a matéria e ter paciência com os alunos, principalmente com aqueles que têm mais dificuldades com essa disciplina.

A presença de posicionamentos opostos também está presente. Por exemplo, alguns alunos relataram gostar muito quando o professor é calmo e explica a matéria várias vezes, até que todos os alunos tenham compreendido. No entanto, alguns consideram bons os professores que são mais práticos e vão logo ao ponto, sem muitas “sinuosidades”, sendo mais objetivos.

Destaco o fato de, na maioria dos relatos, alunos terem considerado a rigidez e a cobrança do professor como um ponto positivo. Consideram que o professor deve ser rígido e ter domínio sobre os alunos e nas aulas, para que sejam bem aproveitadas e produtivas. Isso aponta que, embora aparentemente, não gostem da cobrança e da rigidez, os alunos, quando são questionados e têm que pensar sobre o tema, consideram essas características importantes e que auxiliam no processo de ensino e no processo de aprendizagem.

## **5 ANÁLISE DO DISCURSO**

Sob a perspectiva dos grupos de sujeitos escolares que participaram da pesquisa, construí a identidade do professor de Matemática para cada grupo.

Apresento aspectos que foram trazidos à visibilidade pela análise do material empírico. Criei uma categoria analítica para cada grupo de sujeitos escolares, baseada nos discursos que foram recorrentes. Aponto que o professor de matemática é:

a) **MÚLTIPLO**, segundo a perspectiva da coordenação escolar, pois além de assumir suas várias identidades precisa saber se colocar no lugar de seus alunos, vivenciando suas experiências, buscando entender suas dificuldades e auxiliá-lo de forma satisfatória no processo de aprendizagem. Precisa mediar a aprendizagem, proporcionando a construção de conhecimentos de forma criativa. Além disso, preocupado com as atitudes de seus alunos e não somente com a parte cognitiva, sendo “legal” com os mesmos.

b) **INVENTIVO**, segundo a perspectiva dos professores de Matemática, pois precisa conectar todos os conteúdos da série/ano, abordando-os de diferentes maneiras e chamando a atenção dos alunos para que a aprendizagem seja possível, pois o aluno é visto como principal responsável pela aprendizagem. Precisa avaliar os alunos de forma integral, observando seu desenvolvimento em todos os aspectos.

c) **PODEROSO**, segundo a perspectiva dos professores de outras áreas do conhecimento, pois é responsável pelo gosto dos alunos pela disciplina que leciona e pelas diversas demandas que a instituição escola recebe, vistas no âmbito social, uma vez que a disciplina de Matemática é importante no desenvolvimento do aluno em todas as áreas do conhecimento. Além disso, desenvolve os conteúdos da série/ano de forma diversificada e “inovadora”, contextualizando e “dando significado” ao que ensina e procurando desenvolver seu aluno integralmente.

d) **MILAGROSO**, segundo a perspectiva dos alunos, pois precisa propor exercícios variados, dando conta de todas as demandas do ano letivo e ensinando todos os conteúdos que são propostos para a série/ano. Precisa explicar bem, propor atividades diversificadas, corrigir as atividades propostas aos alunos em aula e auxiliá-los em suas dificuldades. Ao mesmo tempo, ser objetivo e pontual, sem muitas sinuosidades. Além das diversas demandas e tarefas que sua profissão impõe, também precisa amar a disciplina que leciona e seus alunos, criando vínculos afetivos com os mesmos e buscando estar próximo deles. Precisa ser carinhoso, paciente, motivado, bem humorado e ajudar seus alunos nas suas dificuldades individuais. Mesmo assim, precisa saber dosar sua empatia e a necessidade de se impor em sala de aula, sendo rígido quando necessário.

Das análises realizadas e identidades construídas por discursos dos grupos escolares, ponto que se faz necessário refletirmos sobre a impossibilidade de assumirmos tantas identidades, tantas expectativas e tantas características ao mesmo tempo. Muitas vezes, dentro de um mesmo grupo de sujeitos ocorreram diferenças nas suas percepções e “exigências” referentes ao “bom professor de Matemática”. Isso se torna ainda mais considerável, quando analisamos o todo.

Assumir todas essas características ao mesmo tempo, é uma tarefa no mínimo desafiadora e, por vezes, incoerente, pois cada grupo apresentou seus argumentos e características que, por vezes, foram até opostas quando comparadas de forma geral.

Essas práticas constituídas por verdades discursivas, em forma de receitas, prescrevem os ingredientes necessários e os modos de preparo da mistura que proporcionaria aos alunos uma degustação perfeita da aula de um bom professor de Matemática. (AURICH, 2011, p. 17).

Os ingredientes necessários são os vários aspectos que foram apresentados em todos os discursos dos grupos de sujeitos escolares, sendo alguns deles recorrentes em todos os discursos, tais como a responsabilidade, a ética, o respeito para com os alunos, a dedicação, a criatividade ao propor atividades diversificadas aos alunos; outros aspectos, por sua vez, apareceram de forma pontual, apenas nos relatos do mesmo grupo (de pessoas) constituído, como, por exemplo, desenvolver todos os conteúdos propostos para a série/ano. Além dos “ingredientes”, foram apresentados “modos de preparo”, no qual os alunos inclusive citaram comportamentos que julgam essenciais para o bom professor de Matemática: explicar bem a matéria, corrigir os exercícios propostos.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao longo dessa pesquisa, procurei não obter respostas, nem verdades, mas sim problematizar as verdades que circundam o ambiente escolar, referentes às identidades do professor de Matemática, um tema bastante amplo e, ao mesmo tempo, delicado e complexo.

A nossa identidade varia de acordo com as nossas experiências e como significamo-las, as quais constroem quem somos enquanto sujeitos/professores. Essas identidades vão sofrer deslocamentos com o passar do tempo, sendo revogáveis e construídas também por discursos que nos cercam e que, de certa forma, nos acorrentam, nos tornando quem somos, antes mesmo de sermos. Dessa



forma, assumimos diferentes posições de sujeito dos discursos que nos fabricam. Somos produto do discurso ou, ainda, seu efeito. Nesse sentido é que empreguei este estudo, com o objetivo de analisar e descrever identidades do professor de Matemática, constituídas nas redes discursivas dos sujeitos escolares contemporâneos.

Essa escolha se deu inicialmente pelas inquietações baseadas na minha experiência profissional. Muitas vezes, vi-me confusa em relação à minha identidade enquanto professora de Matemática, à postura e característica que os sujeitos escolares esperavam de mim e o que eu deveria fazer, como deveria agir frente à tantas “demandas” impostas pelos sujeitos escolares e pela sociedade como um todo. Afinal, quando se trata do sujeito “professor”, parece existir uma identidade *a priori* na sociedade, que legitima o que é ser um bom professor.

Busquei aproximação dos estudos pós-metafísicos, discutindo conceitos que balizaram minha pesquisa, tais como: identidade e discurso e a articulação entre ambos.

Como metodologia de pesquisa, utilizei a análise do discurso produzido pelos sujeitos escolares de uma escola de rede privada, da cidade de Novo Hamburgo. Foram entregues questionários aos profissionais que atuam na coordenação escolar, professores de Matemática, professores de outras áreas do conhecimento e alunos dos diferentes níveis de escolarização.

A partir dos discursos produzidos por esses sujeitos escolares e suas recorrências discursivas, criei categorias analíticas que apontam o professor de Matemática como um sujeito múltiplo, na perspectiva da coordenação escolar; inventivo, segundo a perspectiva dos professores de Matemática; poderoso, de acordo com a perspectiva dos professores de outras áreas do conhecimento; e milagroso, de acordo com os alunos.

Ao analisar os discursos produzidos pelos sujeitos da minha pesquisa, pude perceber convergências e divergências, que se tornaram ainda mais aparentes ao analisarmos o todo, sem categorizar os sujeitos. Embora algumas características tenham sido recorrentes, como por exemplo, a responsabilidade e o respeito, outras características foram muito específicas, sinalizando que cada pessoa tem seus critérios na hora de caracterizar o “bom professor de Matemática”. Isso traz à tona a importância da reflexão sobre a impossibilidade de assumirmos tantas identidades, expectativas e características concomitantemente.

Ressalto que foram apresentadas possibilidades, situações que circundam o ambiente escolar em que me atrevi a pesquisar, mas que é apenas uma das possibilidades de análise, frente às tantas verdades que circulam em nossa sociedade e que são mutáveis, de acordo com o grupo de sujeitos analisados. Além disso, as “identidades” produzidas pelos e nos discursos que analisei poderiam ser outras, se analisadas por outro sujeito.

Da mesma forma que PINHEIRO (2014, p. 197), “Não tive a pretensão de fazer correlações entre estratégias e táticas, visto que um conjunto de práticas não consegue ser analisado sem uma intencionalidade”. Busquei neste trabalho mapear as identidades do professor de Matemática, apenas algumas “verdades”, entre tantas outras que essa pesquisa poderia ter discutido e problematizado.

## REFERÊNCIAS

- AURICH, Grace da Ré. **Jogos de verdade na constituição do bom professor de Matemática**. 2011. 119 p. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Orientador: Samuel Edmundo López Bello.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BERANGER, Maurício. **Profissionalidade e identidade profissional do professor de Matemática: o fenômeno do mal-estar docente e suas implicações**. 2007. 110 p. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ensino da Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Orientador: Célia Maria Carolino Pires.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970** / Michel Foucault; tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego**. Por Bernardo Soares. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- PINHEIRO, Josaine de Moura. **Estudantes forjados nas arcadas do Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA): “Novos talentos” da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP)**. 2014. 231 f. Tese (Doutorado em

Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo. Orientador: Gelsa Knijnik.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SANTOS, Suelen Assunção. **Experiências narradas no ciberespaço: um olhar para as formas de se pensar e ser professora que ensina Matemática**. 2009. 291 p. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Orientador: Samuel Edmundo López Bello.

SILVA, Sílvia Regina Vieira da. **Identidade cultural do professor de Matemática a partir de depoimentos (1950-2000)**. 2004. 298 p. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo. Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SILVEIRA, Rosa M. Hessel. **A entrevista na pesquisa em educação – uma arena de significados**. In: BUJES, Maria Isabel E.; COSTA, Marisa Vorraber (org.), FISCHER, Rosa M. Bueno; SILVEIRA, Rosa M. Hessel; VEIGA-NETO, Alfredo; WORTMANN, Maria Lúcia C. Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

ZANINI, Renato. **A identidade profissional do professor de Matemática frente ao trabalho docente no ensino fundamental em ciclos**. 2006. 156 p. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo. Orientador: Laurizete Ferragut Passos.

**APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ENTREGUE AOS SUJEITOS DA PESQUISA**

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

LATO SENSU: Especialização em Educação Matemática

Artigo: “Identidades do professor de Matemática: discursos escolares constituidores”

**PROFESSORA CÁSSIA MAIELE WEBER**

# PROJETO DE PESQUISA

**Para o aluno****Para o professor de Matemática****Para o professor de outra área do conhecimento****Para a coordenação do Colégio**

Sua participação neste questionário é muito importante para que eu possa desenvolver meu projeto de pesquisa. Por favor, responda as perguntas abaixo, argumentando suas opiniões:

1. O que é, em sua opinião, um bom professor? Justifique.
2. Cite algumas disciplinas que tiveste um bom professor, um professor que marcou sua trajetória escolar. Em que ano do Ensino Fundamental ou do Ensino Médio ele lhe deu aula?
3. Quais são as características que você valoriza em um bom professor?
4. O que consideras como defeito em um professor?
5. Se tivesse que descrever o teu professor de matemática hoje, como seria?
6. Você considera que o professor influencia no seu gosto pela disciplina que ele leciona? Justifique.
7. Qual é, em sua opinião, a importância do professor de Matemática atualmente?

Muito obrigada pela sua atenção e colaboração na produção deste trabalho!

Um abraço.